



A menina Alda pôs um lenço branco ao redor do pescoço de Fernando Henrique, na chegada a Kuito

Emoção na visita a Kuito

■ Recepção mostra que alegria supera dor para angolano

A visita a Kuito, cidade destruída pela guerra que fica a 600 quilômetros da capital Luanda, na Região Central do país, emocionou o presidente Fernando Henrique Cardoso. Ele chegou às 16h15 (13h15 de Brasília) e foi recebido por mais de 500 pessoas, na pista do aeroporto, lideradas pelas meninas Alda e Luzia. Alda pôs um lenço branco ao redor do pescoço de Fernando Henrique, cumprindo uma tradição angolana que expressa amizade. Em seguida, o presidente foi saudado pelos outros participantes da recepção, de trajes e instrumentos típicos, com cânticos e danças. E reagiu assim: “Depois de uma guerra como essa, ver essa gente alegre é uma coisa que emociona a gente.”

A comitiva presidencial seguiu então para a sede do 62º Batalhão de Infantaria brasileiro, composto de 800 militares da Região Sul, sobretudo catarinenses. No caminho, um cordão humano de angolanos, dos dois lados da avenida

central da cidade, acenava para a comitiva gritando: “Amigo, amigo brasileiro, amigo presidente.” Ao fundo, logo atrás dos sorridentes angolanos, o que se via era uma cidade toda destruída: escolas, fábricas, hospitais. Ao passar diante de uma igreja furada de balas, e com boa parte destruída por explosões, o presidente ficou sabendo que ali haviam morrido 50 crianças que se refugiavam dos combates entre a Unita e as tropas do governo. A avenida divide a cidade em duas e, durante toda a guerra, era dominada, de um lado, pelos guerrilheiros e, de outro, pelas tropas do governo.

Já na sede do batalhão, Fernando Henrique foi saudado pelo secretário-geral da ONU em Angola, Alioune Blondin Beye. Em sua mensagem à tropa, o presidente comparou o esforço dos militares brasileiros no país ao dos que lutaram na Segunda Guerra. “Me lembro da volta da FEB [Força Expedicionária Brasileira] da Itália. Assisti ao desfile em São Paulo. E vamos esperá-los no Brasil da mesma maneira.” Ele recebeu o boné azul claro utilizado pela tropa do dia-a-dia.

O coronel Ademar da Costa

Machado Filho disse a Fernando Henrique que o processo de desmilitarização de Angola provocará algum sofrimento ao país. Ele contou que seus comandados, por exemplo, são muito queridos na cidade. “A relação da comunidade com o batalhão é muito próxima. Eles vão sentir uma falta tremenda da gente quando formos embora. Eles costumam vir aqui pedir para que fiquemos.” O batalhão desenvolve atividades comunitárias em Kuito, como cursos profissionalizantes de marcenaria e pintura, e formação de educadores e agentes de saúde.

Mais que isso, o 62º Batalhão de Infantaria adotou 15 crianças angolanas, de 8 a 12 anos, muitas delas órfãs, que serão recolocadas na sociedade de Kuito quando o cronograma de retirada de tropas da ONU se completar. No caso do batalhão brasileiro, 135 homens — todos de Florianópolis — já estarão voltando para o Brasil no dia 19 de dezembro e não serão substituídos.

Em 1991, a cidade de Kuito tinha 250 mil habitantes. Hoje, tem apenas 100 mil habitantes. Outros morreram ou fugiram cidade. (A.M)